

Os bois-bumbás de Parintins: f[r]estas culturais e pedagógicas

The bois-bumbás of Parintins: cultural and pedogical f[r]estas

Los Bois-Bumbas de Parintins: festivales culturales y educativos

Carlos Carvalho da Silva¹



<https://orcid.org/0000-0002-4426-7511>

Resumo: Este estudo analisa as transformações do olhar de um pesquisador e celebrante dos Bois-bumbás, refletindo sobre as aproximações entre a cultura, educação e os sujeitos detentores de saberes-fazer de Parintins. A proposta, ou provocação, surge de um contato inicial em 2005 com os artistas dos Bois-bumbás no carnaval carioca, como jurado do festival em 2022, como espectador de 2023 e, atualmente, como docente de uma Universidade. No trajeto metodológico, utilizo minhas interpretações e experiências nos compartilhamentos entre os sujeitos fazedores-sabedores da cultura parintinense. do mesmo modo, outras bases teóricas que dão suporte na compreensão como as f[r]estas temporais revelam camadas fenomenológicas. Logo, a comunicação abre campos para novas reflexões, análises e desdobramentos na compreensão de como sujeitos e objetos se relacionam nas festividades no Amazonas e outros territórios.

Palavras-chave: Boi-bumbá. Parintins. Festas. Cultura Popular. Pedagogia.

Abstract: This study analyzes the transformations in the perspective of a researcher and celebrant of the Bumba-Meu-Boi festivals, reflecting on the connections between culture, education, and the individuals who possess the knowledge and skills of Parintins. The proposal, or provocation, arises from an initial contact in 2005 with the artists of the Bumba-Meu-Boi festivals during the Rio Carnival, as a judge in the 2022 festival, as a spectator in 2023, and currently as a university professor. In the methodological approach, I utilize my interpretations and experiences in the sharing among the knowledge-making subjects of Parintins culture. Similarly, I draw on other theoretical frameworks that support the understanding of how temporal festivities reveal phenomenological layers. Therefore, this communication opens fields for new reflections, analyses, and developments in understanding how subjects and objects relate in the festivities in Amazonas and other territories.

Keywords: Boi-bumbá. Parintins. Festivals Heritage. Popular Culture. Pedagogy.

Resumen: Este estudio analiza las transformaciones en la perspectiva de un investigador y participante de las fiestas Bumba-Meu-Boi, reflexionando sobre las conexiones entre cultura, educación y las personas que poseen

¹ Doutor em Artes Visuais. Pesquisador-brincante-andarilho das ruas de Parintins e ouvinte das boas histórias. Docente no curso de Licenciatura em Artes Visuais no Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia, da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e do Mestrado ProfArtes (UFAM/UEA). Líder do grupo de pesquisas F[r]estividades Amazônicas. E-mail: carlos.carvalho@ufam.edu.br

el conocimiento y las habilidades de los Parintins. La propuesta, o provocación, surge de un contacto inicial en 2005 con los artistas de las fiestas Bumba-Meu-Boi durante el Carnaval de Río, como jurado en la edición de 2022, como espectador en 2023 y, actualmente, como profesor universitario. En el enfoque metodológico, utilizo mis interpretaciones y experiencias en el intercambio de conocimiento entre los sujetos creadores de la cultura Parintins. Asimismo, me baso en otros marcos teóricos que apoyan la comprensión de cómo las festividades temporales revelan capas fenomenológicas. Por lo tanto, esta comunicación abre campos para nuevas reflexiones, análisis y desarrollos en la comprensión de cómo se relacionan sujetos y objetos en las festividades en Amazonas y otros territorios.

Palabras-clave: Boi-bumbá. Parintins. Fiestas. Cultura Popular. Pedagogía.

Tecendo os caminhos da pesquisa: o pesquisador-andarilho

Compreendo esta pesquisa tem como pressuposto a abordagem qualitativa, com características autobiográficas, etnográficas e participativas, centrando-se na minha experiência como pesquisador-participante nas culturas dos Bois-bumbás em Parintins, interior do Estado do Amazonas. O método está alinhado à pesquisa participativa, conforme discutido por Brandão (2006), que considera o conhecimento como algo construído coletivamente com os indivíduos. O estudo segue a ideia do “pesquisador-andarilho”, inspirada em Garlet (2015), valorizando a observação da cidade, escuta de histórias e captura de fragmentos culturais. As experiências em currais, ruas, escolas e encontros acadêmicos foram fundamentais para a pesquisa. Observações participativas, registros de campo e relatos dos sujeitos celebrantes foram cruciais para interpretar as práticas culturais dos bois-bumbás.

A investigação ocorreu entre 2022 e 2024 a partir da minha atuação como jurado no Festival Folclórico de Parintins e participante de atividades acadêmicas e culturais na cidade. Os dados foram coletados através de diálogos com brincantes e análise de experiências dos Bois-bumbás Rasgadinho, Mineirinho e Chamosinho. A metodologia se baseou na convivência e troca de saberes, de acordo com Freire (2023).

Assim, a pesquisa está dividida em três categorias: a) Bois-bumbás como pedagogias culturais; b) processos de pertencimento dos brincantes; c) interações entre cultura, memória e educação em contextos não formais. A análise dos dados utilizou princípios da História Cultural, reconhecendo os bois-bumbás como objetos culturais carregados de sentidos. A subjetividade do pesquisador destacada neste estudo como uma parte importante do processo de construção deste estudo, alinhando-se às metodologias participativas e etnográficas e a validação científica se apoia na troca entre vivências pessoais, teorias e observações em campo.

O que es f[r]estas nos ensinam?

Introduzo a comunicação com o título *O que as f[r]estas nos ensinam?* pelas reflexões e provocações de um espectador-pesquisador do Festival Folclórico de Parintins. Da formação do imaginário-conhecimento construído a partir do encontro do pesquisador com os artistas e profissionais dos bois-bumbás atuantes no carnaval carioca no ano de 2005, quando desempenhava profissionalmente minhas atividades de assistente de carnavalesco². Ano após ano acompanhei atento as transmissões do festival folclórico pela televisão e no mergulho nas pesquisas acadêmicas publicadas sobre o assunto. Trato essa construção como o “olhar do estrangeiro” (Silva, 2023), sobretudo da percepção e análise da cultura distante da minha realidade cultural na constante troca de saberes-fazer e das relações entre os estudos carnavalescos e dos bois-bumbás de Parintins.

Na trajetória do espectador-pesquisador destaco o ano de 2022 quando fui selecionado como jurado do 55º Festival Folclórico de Parintins. Uma espera de 17 anos para presenciar, de perto, a magnitude que o Festival proporciona e, não obstante, perceber que todo meu imaginário seria desconstruído a partir do breve contato com o município de Parintins, seus sujeitos que habitam a ilha do folclore e suas formas de se relacionar com a cultura. Ao longo de minha trajetória no carnaval do Rio de Janeiro, com passagem pelos estudos acadêmicos, acumulei conhecimentos culturais e profissionais que contribuíram para o exercício da função de julgar o festival, mas insuficiente para compreender como um festival consegue – mesmo diante de tantas transformações – transformar pensamentos e despertar um interesse maior de adentrar nas f[r]estas temporais que a festividade provoca.

Levei comigo a certeza e a esperança, no banheiro do rio Amazonas, de um dia retornar para a conhecida Ilha da Magia para construção de um olhar baseado nos hábitos e costumes da população parintinense e não mais da ótica do estrangeiro. Meu retorno para a cidade do carnaval, o Rio de Janeiro, foi carregado de aprendizados e um pouco do chão de Parintins. A mesma Parintins que fez o curso do meu rio mudar de rumo, o efeito da pororoca cultural já havia acontecido. Assim, decidi escrever o artigo *A materialidade dos bois-bumbás de Parintins: a integração entre o homem e os objetos de devoção* (2023)³ em que analisei a materialidade dos bois-bumbás enquanto objetos materiais e sociais

² Meu início no carnaval carioca foi no ano de 1998 como adrecista de fantasias para as escolas de samba do Rio de Janeiro, no mesmo ano, ingressei na Escola de Belas Artes, da Universidade federal do Rio de Janeiro. Ao longo dos anos fui desempenhando outras funções, como chefe de ateliê, de alegorias e como assistente de carnavalesco. Minha trajetória foi construída a partir das diversas funções que desempenhei nas escolas de samba. Até meu ingresso no mestrado e doutorado, onde meu objeto de pesquisa eram as escolas de samba e os desfiles carnavalescos durante a ditadura militar no período de 1970 a 1976.

³ Disponível em: <https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/reh/article/view/13040>. Acesso em: 15 abr., 2025.

que desempenham o papel de mediadores artísticos e culturais, capazes de transitar por diversos espaços físicos e, simultaneamente, como objetos simbólicos carregados de memórias, histórias e sentimentos.

Por forças que não enxergamos, os Orixás e os encantados fizeram com que meu barco retornasse, “enfrenta[ndo] o banheiro nas ondas dos rios e das correntezas” (Barbosa, 1994). No ano de 2023 tive a oportunidade de conhecer de perto, na arena conhecida como Bumbódromo, a grandiosidade do Festival Folclórico de Parintins. Encarei a cidade da — e de — cultura dos bois-bumbás como um espectador anônimo em meio a uma multidão vestida de vermelho e azul, ou azul e vermelho. Fui impactado pelo cotidiano dos habitantes semanas antes do início do festival. Durante esse período transformei minhas andanças diárias pelas ruas — vencendo os obstáculos dos desníveis das calçadas, entrando e saindo de comércio, anotando ruas e pontos de referência — em um verdadeiro trabalho antropológico-visual, buscando compreender como os sujeitos se relacionam com seus objetos de devoção.

Trato o mergulho pelas ruas de Parintins, como de um pesquisador-andarilho “que anda, que recolhe coisas do caminho que percorre, que se desfaz delas ou as perde [...] que faz de outros lugares moradas provisórias ou fictícias” (Garlet, 2015, p. 183. *In*, Oliveira, 2015), o início do meu ingeramento⁴, ou seja, as transformações do olhar do sujeito inserido na cultura aconteceram com meu contato com os sujeitos celebrantes e seus hábitos se tornaram cada vez mais intrínsecos à minha existência na Ilha de Tupinambarana. Desta forma, compreendo meu processo metodológico de pesquisa participante (Brandão; Streck, 2006), onde a prática de conhecimento é constituída com as pessoas e não apenas sobre as pessoas e, conseqüentemente, suas culturas. Meu envolvimento direto com os sujeitos-brincantes parintinenses, promovem confluências de experiências, escutas de narrativas e de cotidianos. Reconheço cada habitante, com o um sujeito-território protagonistas de suas histórias. Viver Parintins é “recolhe[r] coisas do caminho”, fazer diariamente o andarilhar uma experiência de convivência, escuta e atravessamentos.

Cabe ressaltar que a utilização do termo f[r]esta⁵ — digo, a interpolação f[r]esta — tornou-se uma forma de identificar as diversas camadas de saberes ainda não analisadas nas festividades brasileiras. Independentemente das explicações para seu uso, as f[r]estas funcionam como pequenas

⁴ Conforme Maria Audirene de Souza Cordeiro, em *Canoa da cura ninguém nunca rema só: o se ingerar e os processos de adoecer e de cura na cidade de Parintins (AM)* (2017), explica que existe uma alternância fonética entre o ingerar e o engerar na região do Baixo Amazonas. Contudo, considera o ingerar a forma mais apropriada, respeitando as oralidades de seus interlocutores.

⁵ Nos anos de 2023 e 2024, foram publicados os livros *F[r]estas culturais* e *F[r]estas culturais 2*, com organização de Carlos Carvalho da Silva, Helenise Guimarães e Leonardo Augusto de Jesus. Os livros reúnem diversos pesquisadores que debruçam seus estudos nas festividades brasileiras.

aberturas que provocam e revelam formas, vozes, saberes-fazeres artísticos, construindo a polifonia de ritos urbanos, rurais, religiosos, culturais e festivos. Da mesma forma considero as f[r]estas como festas que, conforme o saudoso professor Carlos Rodrigues Brandão em *A cultura na rua* (1989), são memórias que alguns seres humanos teimam em esquecer. As festas são camadas de lembranças, narrativas e vozes que abrem frestas temporais, imagéticas e materiais, representadas por sujeitos que celebram objetos. Esses elementos celebrados fazem parte da vida de muitos grupos sociais e são impossíveis de serem explicados somente pelos textos. São “objetos de vida”, como cita Marcus Dohmann (2017), relacionados como um denominador comum entre:

[...] a compreensão de nossas relações com as coisas materiais, enquanto mediadoras do ambiente em que vivemos. Embora as relações humanas nos usos de seus objetos de sobrevivência e de produção pareçam meros artifícios técnicos, não há como dissociá-los das representações mentais e do pensamento religioso, político, linguístico, filosófico e artístico (Dohmann, 2017, p. 43).

A proposta deste estudo nasce a partir do encontro entre festividades e das frestas epistemológicas provocadas pelo tempo. Pelas frestas temporais examino os sentidos que transitam pelos campos artístico, religioso, pedagógico e cultural. Para categorizar as camadas de saberes dos bois-bumbás destaco, além dos conhecimentos acumulados ao longo dos anos, proposições e saberes atuais. Justifico meu objeto de pesquisa apoiando-me no Projeto Pedagógico do Curso (PPC) de Artes Visuais do ICSEZ/UFAM que trata o Festival Folclórico de Parintins como um

Fator relevante para as características encontradas no corpo discente do curso [...] composto (no que pode ser observado até a turma ingressante no segundo semestre de 2011) por estudantes que trabalham ou tem relacionamento estreito com pelo menos uma das organizações [bois-bumbás] (UFAM, 2009, p. 10).

Para compreender os atravessamentos artísticos-culturais, aplico os estudos da História Cultural⁶ (Burke, 2008) e das abordagens dos objetos dentro da História Cultural de Barros (2013) — dos saberes que abrigam múltiplas possibilidades de abordagem dos objetos atualmente estudados: os bois-bumbás de Parintins, entre suas práticas, padrões, processos, sujeitos e agências. A amplitude das abordagens da história cultural abre um campo diversificado de discussões e reflexões, seja pela contribuição das “práticas discursivas partilhadas por diversos grupos sociais, **sistemas educativos**”,

⁶ Peter Burke, em *O que é a história cultural?* (2008), esclarece a necessidade de um olhar para a história cultural a partir do período pós-colonial, quando a “oposição binária entre o Oriente e o Ocidente do pensamento ocidental” no sentido distinto de escrever a história a partir da ótica do “eles” e no deslocamento do olhar para o “nós”.

⁷ Grifo meu.

a mediação cultural através de intelectuais, ou a quaisquer outros campos temáticos atravessados pela polissêmica noção de cultura.”. (Barros, 2013, p. 55).

Seja pela diversidade de saberes oriundos de outros campos das ciências sociais, da antropologia, da cultura e das artes — da rua, das encruzilhadas, dos terreiros, dos quintais e da arena. O autor, pesquisador e professor de 2005 até 2022, e nos anos seguintes, atravessou — e continua sendo atravessado — pelas observações, análises e interpretações das f[r]estas, compreendidas como dinâmicas culturais, sociais, pedagógicas e artísticas.

É inegável que o Festival Folclórico de Parintins desperta sentimentos profundos e interesses diversos em torno de uma celebração repleta de significados. Anualmente atrai milhares de pessoas para a Ilha da Magia, mesmo quando localizada a 360 km de Manaus. Parintins abriga uma festividade de alcance mundial, que acontece durante os três últimos dias do mês de junho. A disputa ocorre no Bumbódromo, uma arena construída em 1988, onde duas associações folclóricas — que dividem paixões, opiniões e antigas rivalidades — dramatizam performances a partir de uma temática, subdividida em três noites de apresentação. De um lado o boi negro com a estrela na testa, o Caprichoso; do outro o boi branco com o coração na testa, o Garantido⁸. Suas cores, respectivamente azul e vermelho, representam não apenas as associações folclóricas, mas também delimitam espaços públicos e privados, como ruas, casas e comércios pela identificação de seus torcedores.

Desse modo, encaro o brincar de boi-bumbá como uma prática cultural e festiva do passado, quando os embates entre os grupos brincantes ocorriam “na rua ou tentando adentrar no seu território” (Monteverde (2021) apud Souza, 2021), passando pela criação do Festival Folclórico de Parintins em 1965, pelas mentes de Raimundo Muniz, Xisto Pereira, Lucenor Barros ligados à Juventude Alegre Cristã (JAC), junto com o padre Augusto, onde atuaram para amenizar as violências físicas que aconteciam no encontro entre os Bois-bumbás Caprichoso e Garantido, além da arrecadação de verba para a construção da catedral de Nossa Senhora do Carmo. Chegando ao mundo contemporâneo da disputa, o Festival Folclórico de Parintins provocou ranhuras que merecem olhares para compreenderem as f[r]estas dos Bois-bumbás.

O pesquisador-espectador ingerado

Definitivamente, os anos de 2022 e 2023 foram decisivos para meu ingeramento pesquisador-participante para o professor-sujeito da festa ou professor-observador das f[r]estas. Em 2024, já no exercício das minhas funções como docente, outros mergulhos realizei nas águas do rio Amazonas e

⁸ Para manter a imparcialidade da comunicação, ao citar as associações folclóricas, utilizarei a ordem alfabética.

dos saberes-fazer da região. Durante a *Semana Acadêmica de Artes Visuais*⁹ (2024) aconteceram diversas atividades com a participação dos discentes e docentes do curso e dos demais convidados. Ao longo dos encontros houve diálogos sobre o papel dos artistas-educadores sobre a cultura parintinense e das relações com as artes visuais. Do mesmo modo, oficinas práticas ministradas pelos docentes e discentes, apresentação de projetos de pesquisas de Iniciação Científica e de Extensão e debates com agentes culturais de Parintins.

Destaca-se o dia 07 de maio, onde foi apresentado na mesa com tema *Cultura, diversidade e políticas culturais*, mediado pela professora doutora Clarissa Lopes Suzuki, e com participação dos convidados Marcos Moura do Instituto Ajuri, Orlan Bertrant do Movimento Cultural Grito na Periferia e Grayce dos Santos representante do Boi-Bumbá Mirim Mineirinho. No dia posterior, a mesa com tema *Diversidade nas artes e na educação: raça, gênero e classe*, mediada pelas professoras doutoras Fernanda Priscila e Clarissa Lopes Suzuki, com a participação do Boi-Bumbá Rasgadinho e suas representantes Shirley Marinho (vice-presidenta), Klinger Naruta (Cunhã-Poranga) e Wendy Delavigne (Porta-Estandarte).

Os dois Bois-bumbás convidados, Rasgadinho e Mineirinho, possuem trajetórias históricas e culturais distintas. Enquanto o Boi-bumbá Rasgadinho foi criado para atender a comunidade LGBTQIA+, principalmente pela multiplicidade dos corpos brincantes pudessem ocupar espaços negados na sociedade, como Itens oficiais dos maiores representantes dos bois-bumbás Caprichoso e Garantido de Parintins. O Boi-bumbá Mirim Mineirinho foi criado aproximadamente em 1976 para as crianças brincarem o folguedo longe do encontro violento do passado entre os Bois-bumbás Caprichoso e Garantido.

E a partir disso, provocado pelas declarações das representantes dos bumbás Rasgadinho e Mineirinho, busquei compreender os dois formatos culturais com o mesmo objeto de devoção, os Bois simbólicos de proteção, de acolhimento e pertencimento. Percebo uma migração de alguns brincantes para fora do Bumbódromo, na busca de estabelecer outros laços afetivos distantes dos formatos que foram estruturados de forma atender as necessidades turísticas e da própria rivalidade entre os Bois-bumbás Caprichoso e Garantido. Além dos Bois-bumbás reconhecidos e legitimados, existem o Boi Campineiro, os Bois Mirins Mineirinho, Tupi e Estrelinha¹⁰.

⁹ Anualmente o curso de Licenciatura em Artes Visuais promove a Semana Acadêmica de Artes Visuais, com diversas atividades artísticas, culturais e pedagógicas.

¹⁰ Outras festividades acontecem durante o mês de junho e julho, como as Quadrilhas Juninas e as Pastorinhas. O festival de Mocambo do Ariri, um distrito que faz parte do município de Parintins, com os Pássaros Jaçanã e Pavão Misterioso e das quadrilhas juninas.

Outras comunidades e distritos próximos de Parintins possuem seus representantes bovinos¹¹, como a agrovila Mocambo do Ariri com os Bois-bumbás Espalha Emoção e Touro Branco, em Barreirinha com o Touro Branco e Touro Preto e no Distrito de Nova Maracanã os Bois-bumbás Cacau e Tira Prosa. Os desdobramentos festivos, possuem características próximas, como pagar promessas aos santos católicos do mês de junho, além dos imbricamentos estéticos e administrativos das festividades dos Bois-bumbás de Parintins.

Entretanto, retorno as oralidades e nas histórias de formação dos grupos através dos depoimentos das representantes dos bois-bumbás Mineirinho e Rasgadinho na *Semana Acadêmica de Artes Visuais ICSEZ/UFAM*. Para interpretar as trajetórias e narrativas de suas formações, antes, devemos compreender como a brincadeira de boi surgiu em Parintins. Sintetizo a historicidade pela ótica de Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti, em *O boi-bumbá de Parintins: Amazonas: breve história e etnografia da festa* (2000, p. 1024) ao apontar as variantes do folguedo no país e suas representações, onde o boi “é uma organização local, rural ou urbana, de um bairro e seus arredores, e a existência de um boi num local chama a de outros, pois rivalizar é parte importante da brincadeira”. Ademais, Cavalcanti (2000, p. 1030) esclarece que a presença da brincadeira do boi nos terreiros – espaços de convivência e socialização - para as ruas e dos confrontos “com desafios e inevitáveis brigas”, comprovado pela entrevista de Raimundo Muniz, onde relata que os encontros entre os Bois Caprichoso e Garantido eram brutais, sem “meio-termo, encontrou e iam para briga. Dava prisão, delegado, mandava prender quem puxou a briga” (Muniz, 1999 apud Cavalcanti, 2000).

Os confrontos violentos entre os bois-bumbás provocaram marcas negativas, afastando parte dos brincantes e do público. As brigas entre os torcedores revelam preconceitos e discriminações, por parte da sociedade parintinense, declaradas por Raimundo Muniz em dizer que “ninguém mais queria brincar, as pessoas criticavam [...] é só para pobre, caboclo, pescador, aquele negócio carvoeira” – indagando a entrevistadora Cavalcanti, se conhecia o que era carvoeiro. Da mesma forma, o atual presidente do Boi-Bumbá Garantido, Fred Goes (2021)¹², também pesquisador, produtor cultural e compositor de toadas, descreve que o princípio organizador do festival veio com o fundador Lindolfo Monteverde “para ultrapassar os preconceitos do boi [...] era para preto, pobre e vagabundo”.

Ao observar pelas f[r]estas históricas do Festival Folclórico de Parintins e dos encontros violentos dos Bois Caprichoso e Garantido, detecto dois fatores importantes para as transformações da festa em relação ao seu passado. O primeiro fator está na criação de regulamentos para a

¹¹ O termo bovino é comumente utilizado para referenciar os assuntos relacionados aos bois-bumbás.

¹² No documentário *Revelando a fábrica de sonhos do Festival Folclórico de Parintins* (2021), diversos agentes diretos e indiretos dos Bois Caprichoso e Garantido, relatam através das histórias e memórias a construção do festival folclórico.

manutenção da ordem na desordem¹³ - violência entre os brincantes dos bois-bumbás. O segundo fator está no preconceito racial, pela associação da violência dos brincantes às suas classes sociais – pobres, caboclos e pescadores e pela questão racial – pretos. Desse modo, a proposta da comunicação perpassa pelos acontecimentos do passado, na intenção de compreender como o passado marcado por violências físicas deixaram marcas na atualidade, reproduzidas em violências simbólicas.

Desta forma, analisar o passado é compreender que os procedimentos culturais possuem um caráter educativo, logo, são elementos imprescindíveis de aprendizagem antirracistas para que as violências físicas do passado, não sejam repetidas como simbólicas ou recreativas no presente¹⁴. O caráter pedagógico do festival é reconhecido antes das pautas que abordam as questões de gênero e raça eram debatidas. No livro de Ata de 1982/83, ressalta “em termos de educação¹⁵ e cultura” (Andrade, 2012, p. 356) a importância de valorização dos artistas da região de Parintins, demonstra uma preocupação com o festival e seus benefícios acima dos lucros obtidos.

Sem dúvidas, encaro os bois-bumbás como culturas dinâmicas na ilha de Tupinambarana que abarcam em sua estrutura diversos campos do saber, entre outras esferas como sistemas educativos, organizações socioculturais, poder público, patrocinadores e os meios de comunicação. O Festival dos bumbás torna-se o espaço de novos diálogos, de ressignificações e conscientizações. Portanto, Caprichoso e Garantido atuam como agentes socializadores, com poder de negociar espaços, interagir entre as diferenças e compartilhar saberes-fazeres artísticos, culturais e sociais. Sem dúvidas, a festa dos bois-bumbás reescreveu sujeitos, rituais e símbolos, que por pouco os brincantes e o festival não foram estigmatizados como sujeitos violentos – [re]inventaram tradições¹⁶. Esse processo de

¹³ Para resolver alguns questionamentos, utilizo dos estudos sobre o carnaval carioca pelas interfaces com o festival de Parintins. Monique Augras, em *O Brasil do samba enredo* (1998), trata como “a ordem na desordem”, a criação de regras criadas por esferas que não sejam as festivas, que obedecem a regulamentos, cumpre tempos e são vigiados.

¹⁴ No ano de 2024 a toada *Málúú Dúdú* (touro negro, em Iorubá), faz uma alusão ao boi-bumbá Caprichoso de cor preta, foi alvo de ofensas pejorativas pelo Item Amo do Boi João Paulo Farias do Boi Garantido. Durante uma apresentação, o Amo do Boi “estendeu no chão um pano preto e espalhou o conteúdo de um saco de carvão sobre ele, dizendo ser o Caprichoso”. Disponível em: <https://bncamazonas.com.br/o-tiro-no-pe-do-amodo-boi-garantido/#googlevignette>. Acesso em: 16 de agosto de 2024. Em outro caso, o mesmo Amo do Boi com uma criança com uniforme escolar do Colégio Nossa Senhora do Carmo, faz o pedido “João Paulo, não pega leve, acaba com a Maluzinha”. Nesse caso o Maluzinha, faz referência homofóbica ao *Málúú Dúdú*. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/C8VSD-vvIk8/?igsh=ZHI4cjQxdjByZzE%3D>. Acesso em 17 de agosto de 2024. Em ambos os casos, considero como racismo e homofobia recreativos, quando a raça ou o gênero tornam-se motivos para brincadeiras ou piadas reforçando a discriminação e perpetuando a opressão e as violências simbólicas e físicas.

¹⁵ Grifo meu.

¹⁶ Entre as tradições inventadas, temos no Caprichoso o Boi de Rua e no Garantido a Alvorada. Em ambos os casos, os brincantes saem às ruas acompanhados pelos Itens e o respectivo boi-bumbá. O boi-bumbá Garantido tem a encenação Matança do Boi, comemorando o fim da temporada bovina.

ressignificação do Festival Folclórico de Parintins demarca, conforme Brandão (1989, p. 8), como lugar simbólico “onde cerimonialmente separam-se o que deve ser esquecido [violência] e, por isso mesmo, em silêncio não-festejado, e aquilo que deve ser resgatado da coisa do símbolo, posto em evidência de tempos e tempos, comemorado, celebrado.”.

Os estudos sobre os bois-bumbás de Parintins devem seguir os passos da dinâmica cultural¹⁷. A sociedade é alterada a todo tempo e os sujeitos são impactados pelas transformações e, consequentemente, os formatos culturais seguem a lógica de ingeramento. Dessa forma, não podemos considerar a cultura como um fóssil exposto dentro de uma redoma inacessível de vidro. Compreendo a cultura como um conjunto de sujeitos protagonistas de suas histórias, de saberes-fazer, de oralidades e memórias, de objetos culturais reais e simbólicos, que circulam o tempo todo nas ruas, casas, terreiros, currais e no bumbódromo.

O que os Bois-bumbás ensinam

Atualmente, utilizo minha trajetória profissional pelas escolas de samba como um ensaio para as reflexões e aproximações com as festividades dos bois-bumbás de Parintins. Um percurso por vezes solitário de um pesquisador e sujeito celebrante em busca das frestas deixadas pela temporalidade e nos territórios por onde as escolas de samba passaram. O olhar ingerado do pesquisador atravessou o banheiro do rio Amazonas, construindo uma interface entre as escolas de samba e a festa dos bois-bumbás¹⁸. Um percurso solitário iniciado em 2005, que culmina, enfim, em 2024, com minha atuação como docente. Certamente os aprendizados provenientes das trocas culturais e das sociabilidades com os habitantes e brincantes foram enriquecedores, revelando o quanto os Bois-bumbás ainda oferecem em termos de conhecimentos, compreensões e possibilidades de análise.

Reforço que minha participação intensa nas atividades carnavalescas e, atualmente, nas pesquisas sobre a festa dos bois-bumbás, proporcionou minha iniciação e interação social, contribuindo para a formação de novos olhares. Seja pelas páginas dos livros, artigos, dissertações ou teses, seja pelas ranhuras da história cultural, as f[r]estas ganharam novas interpretações e provocações, especialmente despertadas durante as apresentações dos Bois Rasgadinho e Mineirinho

¹⁷ O antropólogo Roque de Barros Laraia, em *Cultura um conceito antropológico* (2001), esclarece para o entendimento como as culturas se tornam dinâmicas.

¹⁸ O processo de trocas culturais entre os artistas dos bois-bumbás de Parintins com o carnaval carioca acontece desde a década de 1970, como o artista do Garantido Jair Mendes. Após o primeiro contato, nas décadas posteriores, outros artistas contribuíram com o desenvolvimento, principalmente, de mecanismos alegóricos com a participação de Juarez Lima, Augusto Simões e Karu Carvalho, sob o olhar do carnavalesco Joãozinho Trinta. No início dos anos 2000, a confluência artística foi maior com a participação do artista Rossy Amoedo e uma vasta equipe inserida nas escolas de samba. A partir de então, artistas do eixo Parintins-Rio de Janeiro, como Kennedy Prata e Alex Salvador, entre outros, ganham destaque na execução de alegorias carnavalescas.

na *Semana Acadêmica de Artes Visuais* (2024). Abriram outros campos para análises do objeto de pesquisa Bois-bumbás, da mesma forma que os demais imbricamentos maneiram minha percepção diante da festividade de Parintins. Trato minha construção de um pesquisador-docente e sujeito-celebrante, concordando com a afirmação de Howard S. Becker (1977, p. 205), a partir das “ações coletivas constroem a organização do sistema”, sou inserido no cenário cultural e artístico como parte integrante do universo parintinense.

Ademais, identifico interfaces entre os bumbás de Parintins com os formatos educacional sob dois aspectos. O primeiro, quando a cultura bovina adentra às escolas e, no movimento inverso, quando as escolas enxergam nos bois-bumbás como modelos de aprendizado e conscientização das práticas sociais. Além da relevância [sobretudo] da dança destes no contexto escolar é inestimável, pois as toadas e expressões corporais enriquecem o ambiente educacional, proporcionando uma aprendizagem coletiva enriquecedora para os alunos (Ribeiro, et. al., 2024, p. 109).

Para exemplificar e ilustrar a presença dos Bois-bumbás nas escolas no município de Parintins, apresento o breve histórico do boi Charmosinho, do Centro Educacional Infantil Jaime Lobato em Parintins/AM, escrito pela professora Arléa Silva dos Santos explicando sobre o nascimento do

[...] boi-bumbá Charmosinho foi criado no ano de 2018 no mês de junho, com o objetivo de realizar o sonho de uma aluna do Centro Infantil Jaime Lobato, que estudava no 1º período, turma C, da professora Arléa Silva dos Santos, que após ter uma conversa com o pai da aluna Ana Vitória Amazonas da Silva, ficou sabendo que a aluna tinha o sonho de ser sinhazinha, mas no Centro Infantil não havia boi-bumbá. Logo o pai de Ana Vitória, o Senhor Júlio Cesar Costa da Silva se propôs a confeccionar o boi, então a professora Arléa Silva dos Santos levou o projeto para ser discutido durante uma reunião com todos os professores e gestora do centro infantil, onde todos aprovaram a ideia de se criar o Boi Charmosinho, e assim a professora Arléa Silva dos Santos tornou-se a fundadora do boi-bumbá Charmosinho, nome esse que foi escolhido pela professora, o boizinho tinha a cor branca e traz em sua testa um Sol, que simboliza a vida, a alegria, a autoestima, o sucesso e a felicidade. E então a professora Arléa Silva dos Santos juntamente com os outros professores dos 1º períodos que atuavam na época, ficaram responsáveis em apresentar o boi na festa junina do Centro Infantil, onde Charmosinho teve sua primeira apresentação no dia 22 de junho de 2018, realizando assim o sonho de Ana Vitória Amazonas da Silva e de outras crianças que brincaram com toda animação. E assim, o boi Charmosinho já abrilhanta a festa do Centro Infantil Jaime Lobato há 6 anos.¹⁹

Interpreto as diversas camadas do histórico de formação do Charmosinho a partir do desejo de uma criança em ser uma Sinhazinha, pela construção do boi pelo seu pai, pela professora que ouviu, mediou e recebeu o título de fundadora do boi-bumbá e, por seguinte, a definição das cores e do

¹⁹ Percebo no primeiro levantamento das escolas do município de Parintins com Bois-bumbás representando as instituições a ausência de um acervo documentado dos Bois. O texto e a fotografia foram, gentilmente, cedidos pelo professor e pedagogo Vinicius Melo do CEI Jaime Lobato.

símbolo que o boi carregaria. Embora no texto apresente o branco como a cor do objeto de devoção da Sinhazinha do CEI Jaime Lobato, do mesmo modo o sol como o elemento que represente “a vida, a alegria, a autoestima, o sucesso e a felicidade”, na Figura 1, a cor do boi é o azul. Após 6 anos de existência, outros Itens, ou personagens, enriqueceram as apresentações que acontecem no período junino de festividades.

FIGURA 1 – Apresentação do Boi Charmozinho – CEI Jaime Lobato.



Fonte: Vinícius Melo, s/d.

Tais práticas pedagógicas ultrapassam as fronteiras físicas e imaginárias das salas de aula e dos muros das escolas, rompem com os esquemas verticalizados de uma educação institucionalizada desatenta às transformações da educação e das subjetividades dos educandos. Pois, apenas a partir do constante diálogo entre educadores e educandos, do mesmo modo descreve Paulo Freire (2023, p. 95), o ingerimento do educador em “educador-educando” e do educando em “educando-educador”, ou seja, pela inserção das práticas sociais e culturais dos Bois-bumbás como práticas pedagógicas nas escolas, da mesma forma com a utilização dos bois-bumbás como ferramentas de aprendizagem.

Logo, Bois-bumbás, brincantes, educandos e educadores, circulam e se entrelaçam pelos territórios festivos e educacionais, compartilhando saberes, mesmo diante dos desafios educacionais. De certo, as associações que permitem dialogar com as pautas importantes da nossa sociedade contemporânea, como o combate às violências simbólicas e físicas, frutos do racismo, da LGBTQIAP+fobia e da misoginia, desenvolvem sujeitos conscientes de ações. Logo, os bois-bumbás não podem ser encarados nas escolas apenas como práticas festivas onde a dança e a toada animando o público. Seu papel vai além dos passos ou coreografias dos Itens que disputam na arena a pontuação máxima.

Quando Caprichoso e Garantido levam para arena – o Bumbódromo – , grupos pertencentes às culturas afro-brasileiras e pela defesa dos povos originários, ensinam, comunicam e apontam a necessidade de pensarmos sobre suas contribuições culturais, éticas, raciais e sociais. À medida que encaramos os bumbás como pedagogias ou afirmamos a existência de uma pedagogia destes, demonstramos como Caprichoso, Garantido, Mineirinho, Rasgadinho, Charmosinho, Poeta entre outros, são ferramentas essenciais para inserção de abordagens no ensino da historicidade e culturas afro-brasileiras e indígena. Do mesmo modo estabelece a Lei nº 11.645/2008, que direciona as “diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-brasileira e Indígena”. A Lei, em seu Art. 26-A, 1º parágrafo, esclarece que

O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil (Brasil, 2008).

Nas vivências com os bois-bumbás de Parintins, percebo que as festas não apenas expressam múltiplas camadas socioculturais, mas também provocam encontros e diálogos entre diferentes saberes, costumes, hábitos e tradições. É nesse entrecruzamento que se insere a noção de interculturalidade — compreendida como uma relação ativa, horizontal e transformadora entre as diversas culturas. No cotidiano dos currais, das escolas e das ruas, os saberes-fazer dos sujeitos celebrantes — Mestres²⁰, educadores, artistas e brincantes — constroem pontes que atravessam a oralidade, a ancestralidade e as experiências do município. Os bois-bumbás de Parintins, nesse sentido, operam como pedagogias interculturais, que ensinam pelo afeto, pelo corpo, pela memória e oralidade, e que possibilitam reconhecer e valorizar a diversidade como eixo fundamental da educação e da cidadania.

Indubitavelmente, ao conhecer uma cultura parintinense não apenas vivenciando, sobretudo, experienciando os hábitos e costumes dos habitantes, múltiplas camadas de saberes que giram em torno dos bumbás são descobertas. Estão nos sujeitos que transitam pelas ruas, circulam nos comércios, são estampados nos altos-relevos ou pinturas das fachadas residenciais de azul ou vermelho ou pelos desníveis das calçadas que nos obrigaram a caminhar com calma. Da mesma forma, encontramos nas

²⁰ Os Mestres são considerados os sujeitos pertencentes às culturas que detêm e transmitem saberes, fazeres, ofícios e práticas de seus territórios sociais. São guardiões da memória e das identidades culturais de uma região.

letras das toadas, nos corpos que bailam com os pés no chão e das coreografias sem comando de apitos. Dos currais que ecoam memórias e ancestralidades, transformados em espaço de conhecimento e socialização.

A dinamicidade cultural dos bois-bumbás de Parintins, presente nos currais, nas ruas e nas praças da cidade, evidencia o entrelaçamento profundo entre cultura e espaço urbano²¹. Em concordância com José D'Assunção Barros (2011, p. 102), compreendo que a cidade é “a sede de uma cultura material”. Essa definição dialoga com as colocações apresentadas anteriormente na Figura 1 — sobre os objetos da cultura material — e com a noção de “objetos de vida”, conforme proposto por Dohmann (2017, p. 43). São os objetos festivos criados pelos sujeitos celebrantes, que integram a espetacularização da cultura dos bois-bumbás e tornam possível a participação ativa do homem comum, que se transforma, simultaneamente, em ator e espectador da festa (Barros, 2011, p. 102).

Nesse contexto, os bois — enquanto objetos celebrados e simbólicos — também atuam como sistemas de ensino²², por meio da continuidade e da transmissão dos saberes culturais herdados de gerações passadas. Os bois do passado, que desfilavam em cortejos e carregavam consigo tanto os objetos de vida quanto os sujeitos celebrantes, também foram palco de confrontos violentos entre grupos rivais, expondo a desumanização de muitos de seus participantes. Esses sujeitos, marcados por conflitos, atravessaram o tempo imunes à responsabilização por tais violências, até que, na contemporaneidade, novos formatos de opressão surgissem — não mais físicos, mas simbólicos.

As violências simbólicas, muitas vezes travestidas de entretenimento, acabaram por legitimar práticas discriminatórias como o racismo recreativo, a misoginia e a LGBTQIAP+fobia. Tais práticas seguem sendo reproduzidas por indivíduos que permanecem impunes, mesmo diante de legislações que tipificam essas condutas como crimes. A Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989, define os crimes resultantes de preconceito de raça ou cor, e seu artigo 20-A, §2º — conforme alterado pela Lei nº 14.532, de 2023 — deixa claro que essas infrações também se aplicam quando cometidas em contextos esportivos, religiosos, artísticos ou culturais, sobretudo quando travestidas de descontração, diversão ou recreação.

Não obstante, os bois-bumbás possuem um caráter de restabelecimento da ordem a partir da restauração em coletividade da humanidade (Freire, 2023), pela criação de grupos festivos e reestabelecem laços afetivos, quando a festa “se apossa do cotidiano, toma para si os sujeitos e os

²¹ José D'Assunção Barros, em *Cidade e cultura: considerações sobre uma relação complexa* (2011), considera a cidade como um lugar de cultura. Além de Barros (2011), outros autores aprofundam o assunto, como Nestor Garcia Canclini, em *Imaginários culturais da cidade* (2008) e Lewis Mumford, em *A cultura das cidades* (1961).

²² O sociólogo Pierre Bourdieu, em *Economia das trocas simbólicas* (2015, p. 295-336), trata das relações entre as reproduções culturais e sociais por intermédio do sistema de educação.

objetos” (Brandão, 1989, p. 17). Considero dessa forma, os bois-bumbás como educadores sem salas de aula, onde os objetos reais são os professores. As toadas tornam-se disciplinas onde crianças, adolescentes e adultos aprendem as diversidades, representatividade e costumes da população, as danças e coreografias, são as brincadeiras, a descoberta do corpo e, principalmente, pela coletividade dos múltiplos sujeitos que desempenham suas funções em propósitos comuns, seja na rua, nos quintais ou na arena.

O brincar de boi é a pedagogia que os terreiros e as ruas ensinam, pois reverberam entre os brincantes a multiplicidade dos discursos frente os problemas sociais, onde educam nos espaços abertos e constroem novos espaços de subjetivação para que novos sujeitos e corpos invisibilizados tomem para si os protagonismos de suas vidas, vivências e experiências. Através do exercício constante e contínuo de ouvir os seus agentes, respeitando suas individualidades e, incontestavelmente, na demonstração de afeto e acolhimento dos sujeitos brincantes.

É notório que as culturas e suas festividades possuem caminhos convergentes com a educação, principalmente, quando os sujeitos atuantes dos processos culturais adotam uma “postura de autorreflexão e de reflexão com seu tempo e espaço” (Freire, 1991, p. 36). Nosso patrono da educação, em *Educação como prática da liberdade* (1991), aponta que a autorreflexão desperta a “tomada de consciência”, onde os sujeitos são agentes importantes da história, não como espectadores, mas como protagonistas. Logo, respeitar as subjetividades e saberes-fazeres da população que produz os Bois-bumbás, concretiza o que Becker (1977, p. 206-7) aponta como a ação coletiva, que para ter o êxito do trabalho no coletivo é necessário atividades individuais, “porque todas as artes que conhecemos envolvem redes elaboradas de cooperação”.

De fato, inserir os bois-bumbás dentro de uma pedagogia não-institucionalizada, abre um vasto campo de análises e interpretações que merecem atenção e desdobramentos epistemológicos nas diferentes áreas do saber. Entretanto, para a proposta do artigo não aprofundarei na busca das referências bibliográficas, uma vez que, a busca está nas oralidades dos sujeitos pertencentes aos grupos culturais supracitados, os bois-bumbás Rasgadinho e Mineirinho. No suporte textual da pesquisa, trato da análise e sistematização das experiências a partir dos ensinamentos de Maria Stela S. Graciani, em *Pedagogia social de rua* (1997), ao que tange a construção de uma nova cultura do saber e dos espaços de liberdade por onde crianças, jovens e adultos possam brincar de boi-bumbá construindo espaços de compartilhamento de afetos e socialização.

Destarte, as festas, ranhuras e fissuras provocadas pelo tempo, sujeitos e agências nas festividades bovinas, sobretudo nos bois-bumbás de Parintins, possibilitam entrarmos nas camadas culturais e sociais mais profundas, iluminando os sujeitos “anônimos representantes das chamadas classes populares e da festa [Festival Folclórico de Parintins] marcada no calendário católico”

(Gonzales, 2024, p. 46). Sujeitos que dão vida aos objetos celebrados, do tripa²³ ingerado em boi, o boi ingerado em boi-bumbá. O boi confeccionado do invólucro das flores das palmeiras – o curuatá, hoje é feito por mãos de artistas de pano, espuma e isopor, tradições são [re]inventadas pela dinâmica cultural e da cidade. Da mesma forma, um boi se transformou em Auto no nordeste, imigrou e recebeu novas características do norte. A brincadeira virou cortejo, foi violenta, foi domesticada pela igreja e espetacularizada pelos agentes e agências com interesses financeiros. Na Figura 2 uma criança uniformizada e dentro de um ambiente escolar, dança de braços abertos. Com a cabeça erguida e de olhos fechados, aparentemente sustentando a ideia de transe, faz a sua performance ao som da toada *Yreruá – A festa do guerreiro* (2023), composição de Ronaldo Barbosa.

A toada foi usada na apresentação do Item Coreografia no ano de 2023 e, reinterpretada pelo curumim²⁴ como o Item Pajé²⁵. Sua performance foi marcada pela sinergia da sincronia, concentração, equilíbrio e interpretação. Percebo, na continuidade da leitura da imagem, ao fundo uma outra criança observa a apresentação e espera seu momento com um pequeno Boi-bumbá confeccionado de acordo com suas proporções. Dito isto, a provocação é como os objetos reais e simbólicos produzidos pelas culturas festivas, despertam um interesse de aprendizado entre os mais novos.

FIGURA 2 – Curumin em performance na escola.



Fonte: Acervo do autor.

²³ O tripa é quem conduz o objeto material Boi-bumbá. Mantém, ao mesmo tempo uma relação de simbiose e de mutualismo para sua performance.

²⁴ Curumim é a forma de tratar um menino e chunhatã uma menina.

²⁵ O vídeo que circulou entre os aplicativos de comunicação durante o ano de 2023, não foi localizado. Porém, entre os interlocutores de outras instituições de ensino a escola foi identificada como o Centro Educacional Infantil Chapeuzinho Vermelho – Parintins/AM.

Contudo, os Bois-bumbás que encantam o mundo, foram responsáveis pela mudança do rumo do meu barco. São capazes de reinventar tradições, passaram pelo processo de amazonização, aprenderam [e aprendem] com a sociedade e seus sujeitos a defender seus territórios. Despertaram a consciência de preservação do meio ambiente e a luta pelas classes. Reconheceu-se negro, indígena e branco. Da mesma forma, os bois que aprenderam também ensinaram através das danças e toadas, cores e signos, memórias e oralidade, tradições e modernidades, insere-se os bois educadores e educandos e os bois educandos e educadores. Por uma pedagogia dos bois-bumbás e os bois-bumbás como uma pedagogia das ruas, dos quintais, currais e arena.

Provoc[ações] finais

Eventualmente, trato as considerações finais como um ato inconclusivo no intuito de possibilitar outras análises, sínteses e compreensões. Contudo, nesta comunicação chamarei as considerações finais de provocações finais. Justamente por considerar que o olhar deste pesquisador, ingerado ora pesquisador-andarilho, ora docente-brincantes, que desde 2022 nas andanças e sobe e desce das calçadas parintinenses é provocado em cada instante por vozes que não são ouvidas. Principalmente, daqueles que carregam em suas histórias dos bois-bumbás as oralidades e as memórias definidoras das práticas sociais e culturais das festividades. Sustento a ideia de uma comunicação como um Auto que se repete anualmente, do boi que morre e ressurgir da pajelança provocando reflexões a partir de outras frestas da festa polissêmica. Portanto, meu olhar [e ouvidos] mais atento, entre os sujeitos-brincantes dos bois-bumbás, percebo que existem ainda muitas f[r]estas para serem descobertas.

Durante a construção textual, percebi outras fissuras fenomenológicas entre os sujeitos celebrantes e os objetos celebrados, transformados em notas de rodapé e tantas referências teóricas citadas. Sem dúvidas, a comunicação construída a partir das percepções e análise de um sujeito pesquisador-celebrante, muitas vezes em primeira pessoa, foi uma representação das vozes dos sujeitos detentores dos saberes-fazer e dos habitantes que circulam na cidade, mantendo relações intrínsecas com seus territórios. Das ruas, comércio, quintais, currais, demarcados por cores, existências e [re]existências, bases essenciais para interpretações e valorização dos olhares sobre a cultura parintinense.

Da mesma forma, as interfaces reconhecidas entre a cultura, a cidade e a educação, percebo que os bois-bumbás de Parintins transitam em todos os espaços institucionalizados e não-institucionalizados, desempenham funções pedagógicas que ultrapassam metodologias tradicionais. São pedagogias que transgridem a lógica das carteiras escolares enfileiradas, da lousa, dos cadernos e livros

carregados de atividades e do professor como autoridade máxima. como dito anteriormente, as considerações finais serão tratadas como provocações. Desse modo, lanço minha provocação para os futuros leitores e pesquisadores.

As escolas do município de Parintins possuem as ferramentas necessárias para que curumins e cunhatãs cresçam aprendendo aspectos importantes de suas culturas, ao mesmo tempo que são educadas a respeitarem as diferenças, construam pontes de coletividade e solidariedade com o próximo?

Referências

- ANDRADE, L. da S. **História e memória política do município de Parintins. Volume III (1977-1988)**. Parintins: Câmara Municipal de Parintins, 2012. Disponível em: <https://www.parintins.am.leg.br/documentos/documentos-diversos/historia-e-memoria-politica-do-municipio-de-parintins-volume-iii.pdf> . Acesso em: 17 abr. 2025.
- AUGRAS, M. **O Brasil do samba enredo**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- BARBOSA, R. **A saga de um canoeiro**. Parintins: Boi-bumbá Caprichoso, 1994. Disponível em: <https://jornal.unifal-mg.edu.br/saga-de-um-canoeiro-uma-jornada-musical/> Acesso em: 17 abr. 2025.
- BARBOSA, R. **Yreruá – A festa do guerreiro**. Parintins: Boi-bumbá Caprichoso, 2023. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/caprichoso-boi-bumba/yreru-a-festa-do-guerreiro/> . Acesso em: 17 abr. 2025.
- BARROS, J. D'A. B. Cidade e cultura - considerações sobre uma relação complexa. **Revista de História Regional**, v. 16, n. 1, 2011. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/rhr/article/view/2399>. Acesso em: 17 abr. 2025.
- BARROS, J. D'A. B. **O campo da história: especificidades e abordagens**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2013.
- BECKER, H. **Uma teoria da ação coletiva**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977.
- BOURDIEU, P. **Economia das trocas simbólicas**. 8 ed. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- BRANDÃO, C. R. **A cultura na rua**. Campinas: Papirus Editora, 1989.
- BRANDÃO, C. R. **Pesquisa participante: a partilha do saber**. Aparecida-SP: Ideias & Letras, 2006.
- BRASIL. **Lei nº 11.645**. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Brasília, 2008. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm Acesso em: 17 abr. 2025.
- BRASIL. **Lei nº 14.532**. Altera a Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989 (Lei do Crime Racial), e o Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 (Código Penal), para tipificar como crime de

racismo a injúria racial, prever pena de suspensão de direito em caso de racismo praticado no contexto de atividade esportiva ou artística e prever pena para o racismo religioso e recreativo e para o praticado por funcionário público. Brasília, 2023. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2023/lei/114532.htm . Acesso em: 17 abr. 2025.

BURKE, P. **O que é a história cultural?** 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

CAVALCANTI, M. L. V. de C. **O boi-bumbá de Parintins, Amazonas: uma breve história e etnografia da festa. História, Ciências, Saúde - Manguinhos**, vol. VI (suplemento), 2000, p. 1019-1046. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/nBC7VW39jNnV3vHB9gzbGnC/abstract/?lang=pt> . Acesso em: 17 abr. 2025. DOI: 10.1590/S0104-59702000000500012.

CAVALCANTI, M. L. V. de C. **Tema e variantes do mito: sobre a morte e a ressurreição do boi**. Mana, v. 12, n. 1, 2006, p. 69-104. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mana/a/7jHfjTyDPjPYKQtccMbDJMR/> . Acesso em: 17 abr. 2025. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-93132006000100003>.

CORDEIRO, M. A. de S. **Canoa da cura ninguém nunca rema só: o se ingerar e os processos de adoecer e de cura na cidade de Parintins (AM)**. 2017. 282 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Amazonas, UFAM, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Amazonas, 2017. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/5759> . Acesso em: 17 abr. 2025.

DOHMANN, M. **Cultura Material: sobre uma vivência entre tangibilidades e simbolismos**. Diálogo com a Economia Criativa. Rio de Janeiro, v. 2, n. 6, p. 41-53, set/dez, 2017. Disponível em: <https://dialogo.espm.br/revistadcec-rj/article/view/113> . Acesso em: 17 abr. 2025.

FARIAS, J. P. **Sem título**. Instagram, 17 jun. 2024. Disponível em: https://www.instagram.com/reel/C8VSD-vvlk8/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==. Acesso em: 17 abr. 2025.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 87ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023.

GARLET, F. Pesquisador-andarilho. In: OLIVEIRA, M. O. de. **Arte, educação e cultura**. Santa Maria: Editora UFSM, 2015.

GONZALES, L. **Festas populares no Brasil**. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2024.

GRACIANI, M. S. S. **Pedagogia social de rua: análise e sistematização de uma experiência vivida**. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 1997.

LARAIA, R. de B. **Cultura um conceito antropológico**. 14 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

OLIVEIRA, M. O. de. **Arte, educação e cultura**. Santa Maria: Editora da UFSM, 2015.

RIBEIRO, G. P.; SOUZA, C. B. de; AZEVEDO, G. M. de; CARDOSO, A. J. da S.; SANTOS, G. L. dos; JUSTI, J.; JUSTI, E. B. L.; JUSTI, J. **O folclore dos bois-bumbás de Parintins: considerações**

sobre a dança como componente para o desenvolvimento integral de alunos da educação básica. In: ARAÚJO, V. F. de (Org.). Educação em transformação: desafios emergentes. Ponta Grossa/PR: Atena, 2024, p. 106-114. Disponível em: <https://atenaeditora.com.br/catalogo/post/o-folclore-dos-bois-bumbas-de-parintins-consideracoes-sobre-a-danca-como-componente-para-o-desenvolvimento-integral-de-alunos-da-educacao-basica> . Acesso em: 17 abr. 2025.

SILVA, C. C. da. A materialidade dos bois-bumbás de Parintins a integração entre o homem e os objetos de devoção (2023). **Revista Educação e Humanidades**, v.4, n.2, p. 242-264, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/reh/article/view/13040>. Acesso em: 17 abr. 2025.

SILVA, C. C. da. Olhares entre as f[r]estas do Festival Folclórico de Parintins: o julgador e o espectador – 2022/2023. In: BOTOSO, A.; MENDONÇA, J. V. C. Q.; MENDES, A. P. A.; PINHO, N. de A. **Interfaces do saber: diálogos entre ciências sociais, educação e interartes.** Goiânia/GO: Editora Coletivo Cine-Fórum, 2024, p. 151-166. Disponível em: <https://www.coletivocineforum.com/es/product-page/interfaces-do-saber-di%C3%A1logos-entre-ci%C3%A2ncias-sociais-educa%C3%A7%C3%A3o-e-interartes> . Acesso em: 17 abr. 2025.

SOUZA, J. de. **Revelando a fábrica de sonhos do Festival Folclórico de Parintins.** YouTube, 2021. Disponível em: https://youtu.be/w_9NyU8VjTI?si=68RfZE4KlfhSTHXW. Acesso em: 17 abr. 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS. Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia. **Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Artes Visuais.** Parintins, 2009. Disponível em: <https://icsez.ufam.edu.br/cursos-de-graduacao/artes-visuais/ppc.html>. Acesso em: 17 abr. 2025.

Recebido: 03/09/2025
Aceito: 11/05/2026

Received: 09/03/2026
Accepted: 05/11/2026

Recibido: 03/09/2025
Aceptado: 09/03/2026

